



RÁDIO ESCOLAR: LETRAMENTO E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA COM SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE DEFICIÊNCIA

Rosilene Silva Sousa

Rossana Sheila Pontes Carvalho Oliveira

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande

Apae.cg@ig.com.br

Resumo: Segundo os PCN, "não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças, adolescentes e jovens são iniciadas no mundo da escrita (...)" (op. cit., p.36). O fenômeno do letramento é outro paradigma que constitui, em nossa compreensão, uma discussão que ganhou substancialmente espaço no Brasil ao longo da década de 90. Segundo (HAMILTON; BARTON; IVANIC, 2000) o letramento é mais bem compreendido como um conjunto de práticas sociais, passíveis de apreensão a partir de eventos em que as relações intersubjetivas são mediadas por textos escritos. Assim, numa perspectiva sociocultural, implementamos numa rádio escolar, criada pelas pedagogas Carvalho e Sousa (2015) que, é visivelmente, um ambiente de letramento, algumas das atividades de aquisição de leitura e escrita que ocorrem com 167 sujeitos em situação de deficiência intelectual na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais -APAE-CG. Nesta proposta, escolhemos o gênero bilhete para nossa apreciação, pois é uma das atividades na qual todos de sala de aula participam, com mediação e transcrição da professora regente. Nesse contexto, um sujeito alfabetizado media a leitura, enquanto os não alfabetizados ouvem essa leitura de bilhetes, por exemplo e todos participam do momento da rádio como colaboradores indiretos com funções que desenvolvem a linguagem oral além de sua subjetivação enquanto sujeitos do processo de ensino-aprendizagem (BATISTA e MANTOAN, 2006).

PALAVRAS CHAVES: letramento, oralidade, subjetivação

Introdução: À luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, a partir da década de 80 começaram a surgir estudos e trabalhos relacionados ao processo de ensino-aprendizado da leitura e da escrita (alfabetização), com destaque para as pesquisas sobre a





psicogênese da língua escrita. Com base nos resultados desses estudos, modificou-se a compreensão de como se aprende a ler e a escrever e a partir daí passou-se a repensar as práticas para se alfabetizar (BRASIL, 1997). Segundo os PCN, "não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita (...)" (op. cit., p.36). Numa perspectiva sociocultural, estamos implementando num projeto de rádio escolar criado pelas pedagogas Carvalho (2015) e Sousa (2015) que, é visivelmente, um ambiente de letramento, na qual as atividades de aquisição de leitura e escrita ocorrem com 167 sujeitos em situação de deficiência intelectual na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais -APAE-CG, desde 2015. O Processo de aprendizagem na rádio escolar envolve a interação entre sujeitos alfabetizados ou não-alfabetizados, professores das salas de aula e pedagogos da biblioteca. Nesta proposta, um sujeito alfabetizado media a aquisição da língua oral, enquanto os não alfabetizados ouvem a leitura de bilhetes que foram escritos por todos os sujeitos na sala de aula. Assim, o objeto da investigação, na rádio escolar da APAE-CG é análise de que esse instrumento rico em letramentos promove avanços nos aspectos sócio-afetivos e, sobretudo no processo cognitivo desses sujeitos para conseguirem escrever e verbalizar os recadinhos dos colegas. Nesse sentido buscamos transformar a prática pedagógica autônoma numa prática ideológica com práticas e eventos de letramento sem artificializações. Assim, analisamos as estratégias de leitura e de escrita desses sujeitos ao escrever e ler os recadinhos na rádio e tentamos compreender os ganhos afetivos e socioculturais desses sujeitos na rádio através desse gênero textual: bilhetes. Apesar de esses sujeitos terem dificuldades na linguagem oral ou escrita eles são capazes de amplificar suas potencialidades, no que diz respeito à expressão oral e escrita, e se posicionar como cidadãos críticos e conscientes da realidade em que estão inseridos, se forem estimulados em sala de aula.

Metodologia: A proposta vem sendo desenvolvida sob um olhar sociocultural, vinculada a transformação das condições sociais de leiturização dos indivíduos em situação de deficiência. Analisaremos, neste trabalho, os aspectos de desenvolvimento e a apropriação da leitura e da escrita por um sujeito em situação de deficiência intelectual, participante da rádio como voluntário. Este recurso comunicativo tem sido um ápice no desenvolvimento da linguagem oral e escrita entre os 167 sujeitos em situação de deficiência e muitos com comprometimento da linguagem oral. Entre esses, 15 trabalham diretamente na rádio desenvolvendo a função de coletar os bilhetes nas salas de aula. Esses recadinhos, são lidos no momento das programações diárias existentes na Rádio. Ao chegar na escola tem uma equipe composta por dois alunos dos turnos manhã e tarde que visitam as salas passando alguns papéis que contém no cabeçalho o nome da Rádio e as indicações de



remetente e destinatário, contém também linhas específicas para que o registro escrito possa ser realizado. Antes do intervalo que acontece no horário de 15:30 às 16:00 é recolhido os bilhetes e, no momento das programações que temos de segunda às sextas-feiras é realizado a leitura desse tão importante portador de texto. Esse recurso metodológico tem trazido muitos benefícios aos sujeitos pois, além de ampliarem-se as interações, autonomia, tem, de forma significativa, articulado a alfabetização desses mesmos sujeitos, já que existe um motivo real na atividade para ser realizada. Leontiev (1978) propõe uma estrutura para a atividade, compreendida como um processo de mediação entre sujeito e objeto, processo constituído de um conjunto de ações. Toda atividade é gerada por uma necessidade ou motivo. Essa necessidade pode ter uma natureza material ou simbólica e direciona o conjunto de ações que constituem a atividade. Essa proposta, ainda contribui de forma singular no aprimoramento de certas competências, como: oralidade e escrita, interação e socialização entre todos os envolvidos de maneira prazerosa. Sabemos que os distúrbios da fala e da linguagem do indivíduo em situação de deficiência, podem interferir na capacidade de compreensão, na construção de sentido do que quer expressar oralmente ou de ser entendida. O distúrbio da fala afeta a habilidade de pronunciar as palavras com clareza. E foi sob esse olhar que propomos desenvolver ações, por sua vez, dirigidas por objetivos conscientes que se ligam diretamente ou não à necessidade geradora da atividade e que cuja satisfação está ligada à concretização desses objetivos de forma articulada.

Discussão: De acordo com Bentes (2004), o lugar e o papel dos gêneros orais na escola, são temas que vem sendo pensados e discutidos há muito tempo por pesquisadores de diversos campos de estudo, com base em teorias sobre a linguagem desenvolvida em todo o mundo. Segundo Street (2012) é preciso conhecer os letramentos locais e sob essa afirmativa, temos observado o quanto esses sujeitos tem desenvolvido de maneira espontânea, a partir de eventos de letramento que fazem parte de seus contextos sociais. É de suma importância que o educador selecione e ofereça aos educando uma diversidade de gêneros textuais, com temáticas expressivas para a realidade dos alunos. O nosso público atende adolescentes, jovens e adultos que necessitam de um conteúdo e uma prática atraente e construtiva, desse modo, será possível desenvolver a aprendizagem, na sala de aula. Portanto, ao adotar o trabalho com os diversos gêneros, a Instituição Escolar estará contribuindo para uma mudança na perspectiva da leitura e da produção textual, fugindo ao tradicionalismo (decodificar X codificar). É papel da escola, segundo Koch e Elias (2009, p.74), "possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola e fora dela (...)". Acredita-



se que discussões sobre essa temática podem contribuir para que os profissionais da educação tenham mais segurança para adotar em sala de aula o trabalho com os gêneros e habilitar o educando a fazer uso da língua materna, levando em consideração as modalidades orais e escritas, bem como refletir criticamente sobre o que lêem e/ou escrevem: eis que estamos diante de um dos mais importantes objetivos referentes ao ensino de Língua Portuguesa no ambiente escolar. Contudo, a realidade circundante que “ainda” impera em muitos desses ambientes se mostra um tanto quanto distorcida do que teoricamente se propõe. Partindo de tal contexto, a língua, longe de cumprir seu papel estritamente social, resume-se numa prática notadamente voltada para a exposição de conteúdos muitas vezes fragmentados, tanto no que tange à gramática quanto à produção textual propriamente dita. A análise dos aspectos afetivos, cognitivos do desenvolvimento foi procedida com observações participantes nos seis meses após a abertura da rádio na escola da APAE-CG. Analisaremos aqui o caso de José. É um adulto de 18 anos de idade cronológica e em situação de deficiência intelectual. É um sujeito seguro, tem independência sobre sua própria vida, por exemplo, cuida de sua aparência física - anda sempre bem arrumado e com uma vaidade visível, desloca com autonomia na escola, na cidade. Destacou-se inicialmente na rádio por sua responsabilidade em monitorar os aparelhos tecnológicos e autonomia ao microfone. Vive com uma tia e primos, alfabetizados, a quem sempre recorre quando precisa resolver questões relacionadas ao uso da escrita ou leitura. Apresenta ainda certa instabilidade emocional: às vezes demonstra tranquilidade quando é solicitado pra fazer algo, mas as vezes demonstra bastante irritação quando é contrariado os seus desejos pessoais. José é participante da APAE desde 2004, tendo deixado a Instituição e retornado em 2010. O desenvolvimento cognitivo em relação aos estágios descritos por Ferreiro demonstrava estar no nível pré-silábico em 2004, escrita cursiva de compreensão da escrita e leitura global e no ano 2010 já se encontrava no nível silábico. Hoje se apresenta alfabetizado, mas ainda não construiu o estágio operacional formal e tem dificuldade na construção de sentido. A rádio escolar foi o ápice do seu desenvolvimento porque seu desejo era ser locutor principal, o que o instigou a querer avançar na leitura. Havia uma insistência diária dele para com a mediadora no que refere acelerar o processo de alfabetização e assim estar comandando a leitura dos bilhetes ao microfone. A mediadora propôs organizar no turno oposto atividades sequenciadas de leitura, jogos linguísticos para conseguir alfabetizá-lo e assim concluir o processo de alfabetização. Abaixo mostramos seu estágio inicial de escrita num processo crescente. No percurso das atividades de leitura e escrita em foco, compreendemos a importância da mediação pedagógica na mobilização de conhecimentos prévios ou transferências de aprendizagens do sujeito e reconhecemos como é longo



e cheio de adversidades o processo de aquisição da leitura e da escrita por sujeitos em situação de deficiência.

De acordo com a teoria da psicogênese, o sujeito apresentou em seu histórico escolar os cinco níveis de desenvolvimento e que para avançar de um nível a outro o indivíduo precisou ser estimulado com propostas de atividades significativas, prazerosas e desafiadoras. Ao iniciarmos as ações, tendo como ferramenta estratégica a rádio escolar e o gênero textual bilhete, o sujeito em análise encontrava-se no nível silábico, no qual a compreensão do sujeito era que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. “Pedacos sonoros”, essas partes são as sílabas e em geral, o indivíduo faz corresponder uma grafia a cada sílaba. Hoje, de acordo com desempenho das atividades propostas fomos observando o desempenho de maneira gradativa o qual conseguiu avançar para o nível alfabético e conseqüentemente adquirir a aquisição da leitura e escrita como mostra. Diante do exposto, percebemos que alfabetizar deixa de ser o ensino de um sistema gráfico que equivale apenas a sons. Street 2012 afirma que alfabetização/letramento, neste sentido, sempre é competitiva e seus significados e suas práticas, conseqüentemente são versões particulares e, portanto, sempre “ideológicas”. Um aspecto que tem que ser considerado nessa nova perspectiva é que uma prática social sempre está implícita nos princípios epistemológicos socialmente construídos, que a relação da escrita com a oralidade não é uma relação de dependência da primeira com a segunda, mas e antes uma relação de interdependência, isto é, ambos os sistemas de representação influenciam-se igualmente. Temos então que a concepção que em geral se faz a respeito da aquisição da linguagem escrita, corresponde a um modelo linear “positivo” de desenvolvimento, segundo o qual o sujeito aprende a usar e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala, saindo de um ponto ‘x’ e chegando a um ponto ‘y’. O cotidiano mostra o quanto tem sido preocupante o ingresso de alunos nas séries iniciais, considerando que a cada instante, o educador encontra-se diante de alguns obstáculos, principalmente quando se refere à leitura e suas interpretações. Essa dificuldade embora comuns, se difunde em outras, como interpretação de textos, ditado, cópia e etc., o que numa linguagem atual se reporta às técnicas de redação. Entende-se que cada aluno apresenta sua dificuldade, alguns tem bloqueios para escrever, expressar suas emoções, falar etc. Nesse contexto, o professor precisa estar atento a essas dificuldades, a fim de criar mecanismo para seu enfrentamento, reconhecendo que na fase inicial, o sujeito absorve o que lhe é repassado e incorpora valores que no decorrer da vida escolar, se contemporizam com outros, podendo gerar conflito ou dificuldades.





Conclusão: Em nossa concepção, uma das questões mais relevantes para os estudos do letramento é compreender a lógica dos usos sociais a que a escrita se presta. Para tanto, este estudo caracteriza-se como uma abordagem qualitativa interpretativista, focalizada na forma como o mundo social é entendido, experimentado ou produzido (MASON, 1996). Existem conceitos e práticas didáticas que necessitam urgentemente serem repensados, a APAE/CG vem implantando em sua prática, através de uma Radio Escola e em outros trabalhos eventos de letramento cuja essência dessa abordagem consiste na compreensão de que o letramento não é apenas em termos de níveis de habilidades, mas práticas sociais e comunicativas com as quais os indivíduos se envolvem em vários domínios de sua vida. Embora os sujeitos em situação de deficiência não dominem as operações abstratas, quando alcançam seu desenvolvimento intelectual máximo, conseguem compreender as operações da lógica concreta. Isso significa dizer que elas adquirem a linguagem, assimilam os conhecimentos referentes aos quatro ou cinco primeiros anos do ensino fundamental, inclusive a leitura, a escrita e as bases de cálculo (NABORNA, 2005). Vygotsky (1978) assevera que as relações sociais e as trocas comunicativas entre adultos e crianças é que dão origem ao desenvolvimento da linguagem. "Portanto, a língua se manifesta por meio das situações de conversas do dia-a-dia, revelando a constituição dos sujeitos.

Referências bibliográficas:

LEFSTEIN, A. Literacy : an advanced resource book. London/New York:Routledge, 2007.

MASON, J. Qualitative researching. London: SAGE Publications, 1996.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. PCNs – Língua portuguesa. Brasília – DF. MEC/SEF, 1997.

STREET, B.V. Literacyandmultimodality. 2012. Disponível em: <<http://arquivos.lingtec.org/stis/STIS-LectureLitandMMMarch2012.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2012.